

O samba pop de
Mussa em dois
shows gratuitos



PÁGINA 4

Áurea Martins
canta as crenças
do Brasil profundo



PÁGINA 5

Yuri Marçal leva
seu humor a canal
de YouTube



PÁGINA 7

2º CADERNO

Laura Campanella/Divulgação Netflix



Em 'B.O.', Hassum interpreta um delegado sem coragem no comando de uma delegacia complicada

Leandro
Hassum
volta à Netflix
protagonizando
série de humor
sobre o dia a
dia de uma
delegacia na
Tijuca

Preenchendo O 'B.O.' DO RISO

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Faca na caveira é coisa do passado na delegacia do seriado "B.O.", que faz um urso de pelúcia de totem ao assumir como seu titular Leandro Hassum, de volta à Netflix pra lotar a plataforma digital mais popular de toda a streaminguesfera de brasilidade.

No ar a partir desta quarta, o seriado produzido pela Camisa Listrada, a mesma do esperado "Mussum, o Filmis", oferece ao campeão de bilheteria uma espécie nada convencional de herói: o delegado Suzano. Em sua cidadezinha natal, Campo Manso, a Lei levava a ordem na flauta. Mas agora, sua realidade é outra. Uma DP barra pesada na Tijuca necessita de sua coragem, coisa que Suzano não tem. "Meio Dom Quixote, Suzano traz o lúdico para aquele universo policial", define Hassum. "De uma certa forma, o herói e o vilão são iguais. O que os difere é o modo como lidam com a vida e as escolhas que tomam. O diferencial do Suzano é a delicadeza".

Criada por Carol Garcia, César Amorim, Fabíola Alves e Victor Rodrigues, sob a direção-geral de Pedro Amorim, com Carol Minêm e o próprio Hassum. "B.O." abre um capítulo novo numa saga de reinvenção pelo qual seu astro vem passando há uma década. Em 2012, ali pelo arranque do carnaval, em fevereiro daquele ano, quando estouraram as primeiras notícias acerca de seu investimento radical à telona. Manchetes anunciavam que a estrela do monólogo "Lente de Aumento" - um fenômeno teatral de público -, tentava se lançar como protagonista no cinema. O assunto agitou o audiovisual. Consolidado pela TV em sucessos como "Zorra Total" e "Os Caras de Pau", ele encampou com os irmãos Caio e Fabiano Gullane (produtores de prestígio classe AA) o sonho de fazer de "Até Que a Sorte Nos Separe" uma grife. Poucos meses depois, o filme entrou em cartaz e rendeu mais duas continuações, em 2013 e 2015, fazendo de Hassum mais do que um êxito comercial.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Andreia Machado/Divulgação



Gabriel Manetti e Fabio Freire, músicos e educadores

Tem Beatles para a criançada no Teatro Clara Nunes

Assistido por mais de 300 mil pessoas de 60 cidades em nove anos de estrada, o projeto Beatles para Crianças chega novamente ao Rio a bordo de seu submarino amarelo.

A trupe paulistana volta à cidade com dois espetáculos, com texto, direção e atuação dos músicos e educadores Fabio Freire e Gabriel Ma-

netti. São eles “Meu Primeiro Show de Rock” (7/9) e o inédito “Beatles Heróis e a Terrível Máquina do Silêncio” (9 e 10/9). Ambos estarão em cartaz no palco do Teatro Clara Nunes, no Shopping da Gávea.

“Meu Primeiro Show de Rock” reúne sucessos do quarteto de Liverpool com arranjos originais.

Páginas no palco

Nesta quarta-feira (6), às 16h, a escritora, dramaturga, atriz e diretora, Beth Goulart, participa da Bienal do Livro 2023, no Painel “Páginas no Palco”, no Café Literário. O papo reúne Beth e Laila Garin, com mediação de Bianca Ramoneda.

Leitura dramática

dando sequência ao projeto Dramaturgia em Leituras, Natália do Vale e Arlete Salles participam nesta quarta-feira, às 16h, no Teatro Prudential, da leitura dramática da peça “As Debutantes”, texto de Gustavo Pinheiro. Entra franca.

Não categórico

Péricles descartou candidatura política durante participação no Roda Viva, na noite de segunda-feira (4). “É um não categórico. Eu prefiro fazer a política do lado de fora”, disse o artista de imediato, justificando que não saberia se comportar nesse meio.

Gravações

Após mais de um ano adiada por conta da fusão entre Warner e Discovery, a novela “Beleza Fatal” começou a ser gravada. Ainda sem uma data exata de estreia definida, a previsão é que a produção vá ao ar em 2024 na HBO Max.



Três momentos de Hassum com seus colegas de elenco: ‘Acredito muito em trupe. No teatro, aprendi que coxia boa se reflete na qualidade do que o público vai ver’



Ator alcança o patamar de gigantes da comédia

As cifras dos longas-metragens estrelados por Leandro Hassum somadas a um carisma comparável ao de poucos ícones midiáticos, levaram seu nome ao mesmo panteão onde estão Mazzaropi, Renato Aragão e Oscarito.

“Sou um cara que gosta de fazer cinema, mas encontrei na

Netflix um espaço onde me dão ouvidos, onde me oferecem uma autonomia que me encanta. A gente se sente trabalhando em equipe, sem mensagem cruzada”, diz Hassum, que passou por uma cirurgia bariátrica, em 2014, livrando-se de cerca de 70 quilos e de uma série de riscos à saúde.

Apostou na saúde, mas seguiu

fiel ao humor varejão de antes, depurando-o com o tempo. Não cabe repetição para Hassum, cabe sofisticação, como se vê na precisão com que ele lida com as piadas de “B.O.”.

Suzano é figura cheia de fragilidades, mas também de firmezas. Depois de ter capturado - por acidente - um bandido foragido ligado à máfia dos caça-níqueis, ele é escalado para combater o crime na Tijuca. Sua equipe é encarnada por um elenco em estado de graça: Luciana Paes, Taumaturgo Ferreira, Jefferson Schroeder, Babu Carreira, Digão Ribeiro, Cauê Campos e Josie Antello.

“Acredito muito em trupe. No teatro, aprendi que coxia boa se reflete na qualidade do que o público vai ver. É esse o caso de ‘B.O.’, pois todo mundo tem seu momento de brilhar. A cada episódio, cada personagem vai conquistar o reconhecimento do público”, diz Hassum.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Laureado com o troféu Redentor de Melhor Montagem do Festival do Rio em 2022 pelo thriller “Propriedade”, Matheus Farias é um artesão de verve autoral na costura de imagens com as mais descolonizadas e provocativas miradas sobre o Brasil. Montou o trailer de “Marighella” e de “Bacurau” e editou o tocante “Seguindo Todos os Protocolos”. Como cineasta, assina curtas como “Caranguejo Rei” e “Inabitável”, em parceria com Enock Carvalho.

Todo o seu percurso nas artes demarca uma calorosa relação de respeito pelas informações e pelos alumbramentos que um só plano pode lhe oferecer. Foi com esse respeito que ele passou em revista o material bruto trazido por Karina Nobre e Cleodon Pedro Coelho, dupla responsável pela pesquisa de “Retratos Fantasmas”.

É Matheus quem assina a edição do novo longa-metragem do diretor de “O Som ao Redor” (2012), Kleber Mendonça Filho, que promove uma cartografia afetiva do Recife – como metonímia celebrativa da tradição cinéfila deste continental país – a partir de fotografias e arquivos audiovisuais de salas de exibição. Na entrevista a seguir, Farias explica como moldou o documentário de coda ficcional e alma ensaística que foi aplaudido no Festival de Cannes.

Qual (e como) é o método de montagem de Kleber Mendonça Filho e o quanto de liberdade ele te dá para a proposição de ideias, de soluções visuais?

Matheus Farias: Kleber é um grande amante e entusiasta do processo de montagem e profundo conhecedor do material que filma, mesmo que essas filmagens tenham sido há mais de 30 anos. Eu sou do tipo que gosto de passar um tempo sozinho com o material, assistir, decupar e montar sequências por conta própria. No caso do “Retratos Fantasmas”, eu me sentia mais à vontade para fazer esse processo sempre do lado dele. Uma imagem de Seu Alexandre descendo as escadas do Art Palácio ganhava outra importância quando Kleber adicionava o contexto. Um filme como esse, sem roteiro e totalmente descoberto na ilha de edição, pedia da gente muita atenção para o material que íamos descobrindo pouco a pouco. Também tem algo que eu sempre me identifiquei no cinema de Kleber, que é uma dedicação muito cuidadosa na criação do clima e ritmo, e acho que “Retratos” vai pelo mesmo caminho. Essas particularidades exigiam da gente



Matheus Farias: *‘É muito interessante redescobrir a cidade em que você nasceu e viveu através de novos registros e pontos de vista que você nunca foi apresentado antes’*

Montagem espectral

Parceiro de Kleber Mendonça Filho na criação de ‘Retratos Fantasmas’, o montador Matheus Farias fala sobre a imersão no Recife de outrora garimpado em forma de fotos e filmes

muita disciplina no trabalho, mas, ao mesmo tempo, Kleber sempre foi muito atento às minhas sugestões e todo o processo foi de intensa troca e colaboração. Foi muito bom.

Como você avalia a potência histórica e estética do material fotográfico e audiovisual que te chegou dos pesquisadores e o quanto desse material ficou de fora do corte final?

É muito interessante redescobrir a cidade em que você nasceu e viveu através de novos registros e pontos de vista que você nunca foi apresentado antes. Por muitas vezes, eu me surpreendi com o que Kleber trazia pra mon-

tagem. Fotos e vídeos do seu acervo pessoal e da pesquisa incrível de Cleodon e Karina. Lembro do dia que Kleber me mostrou a foto do dirigível sobrevoando o Recife com a suástica nazista estampada e quase caí da cadeira. Ou do dia que fui apresentado a um álbum de família com registros da grande cheia do Recife nos anos 1970, um material incrível que a gente entendeu que não cabia no filme, porque a história precisava andar por outros caminhos. Talvez por isso tenha sido importante, entre idas e vindas, dedicar quase cinco anos de montagem para esse filme. O tempo faz a gente entender de maneira muito tranquila o que é bom para o filme e o que não é.

Não considero que deixamos muita coisa de fora, mas com certeza nada do que ficou de fora era ruim.

Qual é a sua relação pessoal com as salas de cinema e qual foi o seu circuito de formação? O quanto a imersão nesse projeto narrativo do Kleber mudou a sua percepção desses espaços?

Eu nasci em 1990, o ano que Kleber conheceu Seu Alexandre e os cinemas do centro do Recife já estavam nos últimos anos de funcionamento. Das salas que aparecem no filme, tive apenas uma oportunidade de ir ao Veneza e várias vezes ao São Luiz, meu cinema preferido no mundo. Não tive tempo de viver o movimento dos cinemas do centro, mas meus pais eram donos de algumas locadoras de vídeo em Olinda, e eu trabalhava nelas quando era adolescente. Mais tarde, foi o cinema da Fundação Joaquim Nabuco, no bairro do Derby, que Kleber também programou por muitos anos, que formou muito do meu olhar cinéfilo. Minha relação com o centro não passa pelos cinemas, mas sim pelas idas constantes com minha mãe quando criança. Tenho a lembrança de que, na hora de voltar pra casa, a parada de ônibus ficava de frente a um prédio antigo, com um letreiro do Cinema AIP, que já estava fechado naquela época. Aquilo me fascinava de certa forma. Há uma imagem rápida de uma placa desse cinema no filme, inclusive.

Uma performance que passeia pelo samba, jongo e baião, passando pelo xote e outros ritmos da música popular brasileira. Uma verdadeira mistura que deságua em um som muito particular, cheio de autenticidade e de fácil assimilação pelo público. Assim tem sido as apresentações do show “Caruru Connection”, do cantor e compositor Mussa, que serão realizados nesta quarta e quinta-feira (6 e 7) na Arena Sandra de Sá, em Santa Cruz; e no Centro da Música Carioca Arthur da Távola, na Tijuca.

Com uma ampla vivência nas rodas de samba cariocas, Mussa mistura o tradicional ritmo brasileiro com uma sonoridade contemporânea, retratando o cotidiano com leveza e reflexão, produzindo crônicas urbanas. Seu EP é formado por quatro canções - “Ladainha”, “Novidade sem Profundidade”, “Nosso Jardim” e “Segure o Choro”.

Os shows são contemplados pelo Programa de Fomento Carioca (Foca) e conta com uma banda bem azeitada, formada por Rafael Paiva (guitarra), Sandro Lustosa (percussão), Julio Diniz (bateria), Luciana Oliveira e Jade Sandryah (backing vocal). Além das faixas do EP, o repertório do show reúne outras músicas autorais de Mussa e algumas releituras do artista para clássicos como “Emoriô” (Gilberto Gil e João Donato), “Milagre” (Dorival Caymmi) e “Imunidade Racional” (Tim Maia).

Mussa lembra que a criação do álbum foi inspirada na ancestralidade de sua família e tem como referência uma festa anual, onde é servido um caruru. “Este álbum foi inspirado nas festas organizadas pelos meus familiares para Santa Bárbara, Iansã no sincretismo religioso afro-brasileiro. Uma tradição que já dura mais de quatro gerações e começou com minha bisavó que preparava um caruru, prato da culinária baiana à base de quiabo e camarões. Dizem os antigos que as primeiras versões da festa duravam três dias. Desta festa saíram casamentos, amizades e muitas conexões. Daí o nome:



Cantor compositor, produtor e designer, Mussa criou uma HQ para os shows do projeto

O samba pop de MUSSA

Cantor e compositor faz shows gratuitos de seu EP autoral 'Caruru Connection' em Santa Cruz e na Tijuca

Caruru Connection”, explica.

Mussa revela ainda que uma novidade nos shows é que o público receberá uma história em quadrinhos com as letras das músicas. Desta forma, além de terem uma lembrança do espetáculo, também poderão cantar as músicas junto com o artista. “Como os CDs caíram em desuso, eu queria algo que as pessoas pudessem levar pra casa. Então, tive a ideia da historinha em quadrinhos com as letras das músicas, onde cada música ganhou uma história e um QR Code para que as pessoas fossem levadas automaticamente para as plataformas de streaming e ouvissem as músicas enquanto acompanham as letras”, pontua.

O artista revela ainda que a referência foi o cordel e a estética com os desenhos em preto e branco foi retirada do cinema novo. “Um álbum que mistura brasilidade com o pop contemporâneo. Fiz questão de cuidar dos beats e

da produção musical para amarrar todo este conceito, em forma de som e imagem. Também cuidei da direção e edição dos clipes que acompanham a mesma identidade visual”, completa.

Mussa é cantor, compositor e artista visual. Nasceu em São Paulo em 1972 e se mudou para o Rio antes mesmo de completar um ano. Formado em Desenho Industrial na Faculdade da Cidade, estudou bateria na escola Musiarte e canto com Ana Zinger, Wladimir Pinheiro, Jardel Maia e Ilessi. É sócio-diretor da escola de canto

Lume. Em 2009 lançou o CD “Na Correnteza”, em parceria com o cantor Leandro Junnyor; em 2014 foi a vez do CD “Naif” e lançou o último álbum, “Mussa Samba Combo”, em 2017.

Mussa ganhou elogios da cantora Elza Soares, com quem já dividiu o palco. Além de Elza, Mussa já cantou e tocou com diversos ícones da música brasileira, como Nelson Sargento, George Israel, da banda Kid Abelha, Teresa Cristina, entre outros.

SERVIÇO

MUSSA - CARURU CONNECTION
7/9 - Arena Sandra de Sá (R. 12, 1 - Santa Cruz), às 20h
8/9 - Centro da Música Carioca (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca), às 19h
Entrada franca

Vozes que curam

Áurea Martins leva as canções de seu belíssimo 'Senhora das Folhas' ao palco do Rival

Por Affonso Nunes

Veterana das casas de shows cariocas, Áurea Martins construiu sólida reputação na noite. Mas é uma artista que, aos 83 anos, segue se reinventando. Que o diga seu mais recente trabalho fonográfico, o aclamado "Senhora das Folhas", álbum indicado ao Grammy latino 2022. A cantora é a atração desta véspera de feriado, às 19h30, no palco do Teatro Rival.

Lançado pela Biscoito Fino e pela Natura Musical, o álbum é uma celebração ao poder feminino que cura e traz vida. Com propriedade, Áurea canta os saberes das benzedadeiras, curandeiras e parteiras, mulheres portadores de uma tradição arraigada no afeto do povo brasileiro. O álbum é, portanto, um delicado mergulho no universo do sagrado feminino em repertório que vai de canção medieval ao coco de roda, passando por canto indígena e sambas icônicos.

No palco, Áurea entoa louvores das manifestações populares de Minas Gerais que unem-se a canções contemporâneas como "A Rezadeira" (Projota) e "Me Curar de Mim" (Flaira Ferro), a um belíssimo canto indígena Parakanã e a sambas icônicos como "Banho de manjerição" (Paulo Pinheiro e João Nogueira) e "Na paz de Deus" (Arlindo Cruz).

Unindo os vários Brasis e as duas pontas da vida, Áurea visita neste show sua ancestralidade e ganha o terreno do qual é rainha por herança e direito: o solo fértil das miscelagens afro-indígenas, caboclo-encantadas, orixás-pajé, recebendo de braços abertos o novo. Para ser universal, Áurea fala da sua aldeia.

Tudo em arranjos camerísticos luxuosos, compondo um show potente e emocionante que tece, como num bordado, o diálogo entre os imaginários urbano e rural do país.

Áurea Martins sobe ao palco acompanhada de alguns dos mais representativos músicos contemporâneos como Lui Coimbra (violoncelo, violões, rabeca e charango andino), responsável pela direção musical do espetáculo; Fred Ferreira (violão e guitarras); Marcos Suzano (pandeiro e percussões) e Pedro Aune (contrabaixo acústico e tuba). E nos vocais, o ator e cantor André Gabeh.

Trata-se de um espetáculo pleno em emoção seja pela qualidade do repertório seja pela qualidade dos músicos mas, sobretudo, pela elegância de uma diva no palco com sua voz límpida e que tanto tem a nos dizer.



Dan Coelho/Divulgação

Rodrigo Maranhão recebe convidados

Divulgação



Rodrigo Maranhão

Vencedor do Grammy Latino, do Prêmio da Música Brasileira e um dos compositores mais gravados pela nata da MPB, Rodrigo Maranhão está de volta ao Manouche com nova edição da temporada mensal de "Mercado das Flores", antologia de seu riquíssimo trabalho autoral, nesta quinta-feira (7), em que recebe participações especiais a cada show.

E desta vez será uma edição especial em que Rodrigo comemora seu aniversário, E Leoni e Léo Gandelman estarão lá com participação especial, além de outros convidados surpresa. Já passaram pelo palco Fernanda Abreu e Pedro Luís, entre outros artistas amigos.

O repertório tem ênfase naturalmente no samba moderno, já que Rodrigo é um compositor carioca e seus gêneros afluentes, sua raiz, sempre foi uma característica de sua música, agora ainda mais explícita neste trabalho.

SERVIÇO

RODRIGO MARANHÃO - MERCADO DAS FLORES Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

7/9, às 21h

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação)

SERVIÇO

ÁUREA MARTINS - SENHORA DAS FOLHAS Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

6/9, às 19h30

Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 120

A dor de ser mulher de Tolstói

Monólogo retrata os abusos machistas praticados pelo escritor russo durante seu casamento

Por trás de um grande homem, existe uma mulher maior ainda! Maior e muito sofrida! Escrito por Ivan Jaf, estrelado por Rose Abdallah, com direção de Johayne Hildefonso e música original de André Abujamra, o monólogo “Só Vendo Como Dói Ser Mulher do Tolstói” revela que o casamento de Sofia Tolstói com o célebre escritor russo Leon Tolstói, autor de “Guerra e paz” e “Anna Karenina”, foi um pesadelo patriarcal, machista e abusivo, como comprovam os diários escritos por ela durante os 48 anos de relacionamento. A peça estreia temporada de seis apresentações no Teatro Rogério Cardoso, na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema, a partir desta quarta-feira (6).

Ofuscada pela fama do marido por dois séculos, só agora, com os movimentos de empoderamento feminino, a voz de Sofia começa a ser ouvida. Em “Só Vendo Como Dói Ser Mulher do Tolstói”, uma atriz prepara-se para entrar em cena no papel de Sofia. No camarim, mistura a voz da personagem com sua voz feminista atual, indignada e revoltada com o escritor machista e abusivo. Mistura também épocas – inícios dos séculos XX e XXI – e espaços – Rússia e Brasil. Em uma linguagem do nosso tempo, Sofia enfim fala. Nos bastidores da vida de um grande homem, havia uma grande



Rose Abdallah encarna a sofrida Sofia Tolstói e seu casamento abusivo

mulher, mas foi massacrada e oprimida.

“Conhecia Sofia Tolstói apenas por foto e sempre ao lado do marido Leon Tolstói, o grande romancista russo. Quando li o monólogo, foi um mistura de sentimentos: amor por ela e choque por conhecer o outro lado de Tolstói. Apesar de toda sua genialidade, ele era um

homem comum, um russo seguidor fiel dos ensinamentos do Domostroi, que, em russo, significa ‘ordem na casa’, ‘se o marido não domar a esposa, todo lar desmorona’. Conheço várias mulheres que ainda hoje vivenciam os mesmos conflitos que Sofia. Talvez leve mais alguns séculos para que uma mudança concreta ocorra e que,

finalmente, as mulheres tenham seu protagonismo reconhecido! Salve Sofia Tolstói! Salve o protagonismo feminino”, exalta a atriz Rose Abdallah.

Sofia foi casada com o célebre escritor russo Leon Tolstói por 48 anos, até que, no dia 28 de outubro de 1910, ele fugiu de casa e acabou morrendo dez dias depois na estação ferroviária de uma pequena vila a 300 quilômetros de distância. O pior foi que a culpa sobre a morte do famoso escritor recaiu sobre Sofia, que foi considerada uma megera da qual Tolstói havia fugido e por isso morreria.

Foram quase 50 anos de brigas entre o escritor e a esposa. Um século de machismo estrutural, somado à imensa fama planetária e importância da obra de Tolstói, legou à Sofia o papel de megera. No entanto, o movimento feminista vem corrigindo essa injustiça. Durante toda a relação, cada qual retratou em diários o que se passava entre eles, em detalhes. É a leitura atual desses diários que está revelando o verdadeiro vilão dessa história. À luz das modernas teses feministas, fica clara a relação tóxica, abusiva e patriarcal do homem Leon, independentemente de seu inquestionável talento literário. É a partir do conteúdo desses diários que o dramaturgo Ivan Jaf constrói seu monólogo, dando voz a Sofia. Não uma voz contida pela repressão da mulher na Rússia do começo do século XX, sob o peso da Igreja Ortodoxa e da mão pesada do czarismo, mas um discurso com toda a verve libertária da indignação feminina atual.

SERVIÇO

SÓ VENDENDO COMO DÓI SER MULHER DO TOLSTÓI

Teatro Rogério Cardoso – Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto 176 – Ipanema)
6, 7, 13, 14, 20 e 21/9, às quartas e quintas-feiras (19h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Divulgação

Um desabafo para fazer rir

Comediante Yuri Marçal leva seu mais novo espetáculo de humor para canal do YouTube

Sucesso pelo Brasil, o show “Nem Se Minha Vida Dependesse Disso”, de Yuri Marçal, que esgotou ingressos em diversas regiões do país, agora virou especial de humor e ganha versão gratuita. Aguardado pelo público, o especial chega em seu próprio canal no YouTube nesta quarta-feira (6).

O espetáculo traça uma linha do tempo da vida do humorista, em um papo sincero sobre sentimento e afeto, além de abordar as dificuldades de se relacionar com outras pessoas desde a infância até a fase adulta.

Visando alcançar ainda mais pessoas, a escolha do especial ser lançado por seu canal não foi por acaso. Yuri não busca apenas visualizações, mas proporcionar a ainda mais pessoas um impacto positivo com

seu trabalho. “Eu quero mesmo é que as pessoas sejam impactadas positivamente. Que gargalhem muito. Que valha a pena você parar pra assistir esse conteúdo! Esse feedback positivo é o que mais conta pra mim”, ressalta.

Em tempos em que a risada genuína e a reflexão andam lado a lado, o humorista destaca que a verdadeira comédia surge da capacidade de olhar para as vivências e transformá-las em arte.

Recentemente premiado na categoria de Melhor Ator Coadjuvante no Festival de Gramado, por sua interpretação de Mussum na fase jovem em “Mussum, O Filmmis”, o comediante de 30 anos, nascido na Carobinha, Zona Oeste do Rio, já mostrou que sua arte conquistou não só o público, mas também



Yuri foi premiado em Gramado por sua atuação como Mussum na juventude

jurados e críticos.

“Esse segundo especial, eu considero um desabafo. É um show mais maduro comica-

mente e como pessoa. Como pai e noivo”, reflete Yuri, numa comparação com “Ledo Engano”, seu espetáculo anterior.

FERNANDO MOLICA



“Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões.”

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

“Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas”

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO

34 ANOS DE HISTÓRIA:

Líder na região que mais cresce e consome no Brasil!



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA!

Toda semana uma edição nova para você

Procure nossos totens nos principais shoppings, supermercados e galerias da Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Vargens, Jacarepaguá e São Conrado.



REDES SOCIAIS

@jornaldabarra

jornaldabarra.com.br

